

KIDAI S DE PRIMAVERA

Pipa tão bonita, com cerol tão perigoso... Diversão maldita. Ailson C. de Oliveira	A araponga bate, rebate, bate e rebate: o resto é silêncio. Héron Patricio	Chego da rua. A me esperar na varanda a rã amiga. Nadyr Leme Ganzert
Que pipa bonita! Dá mais linha! Dá mais linha! Afinal, a pipa sobe. Albertino C. Santos	Bigorna tão cedo? Não. É orquestra na mata. Araponga canta. Joana Toledo Machado	De repente a pipa voa em direção aos fios em sons duros rasgados. Neide Rocha Porteiro
Um curió se alimenta, menino o apredreja. Analice Feitosa de Lima	Nesse Dia do Mar, torpedeiro lança às ondas corças de flores. José N. Reis	Brincando na rua o menino alegre corre à bolha de sabão. Nilton M. A. Teixeira
Paisagem nublár apenas o contorno do rio chuva de primavera. Carlos Roque B. de Jesus	Ondas procuram pegadas para o infinito. Dia do Mar. Larissa L. Menendez	Semana do Livro... Aranha tece na estante, chamando a atenção! Olivia Alvarenga
Flores do jasmineiro se agitam ao vento: Chuva de primavera... Djalda Winter Santos	No ar baila a pipa bailam os olhos do menino no bailar da pipa. Leda Mendes Jorge	Potranco correndo ondas deslizam no couro suor escorrendo. Patrícia Maia Patricio
Arrozais em flor, me lembra infância de traquinagens... Edileine B. Lima Pinto	Grita a araponga desde manhã até a tarde... Garganta não dói? Leonardo C. dos Santos	Brimando na rua desenha não só meu muro mas ao do vizinho... Quellen C. A. Tabosa
Com asas de vento, voando, a pipa altejaria vive por um fio. Fernando Vasconcelos	Pipa cai. Se enrosca na folhagem da palmeira. Guris em ação. Leonilda H. Justus	Ípês amarelos salpicam a grama verde. Festival de cores. Renata Paccolla
Com o som metálico araponga sibante. Acaba o silêncio. Haroldo R. de Castro	Até o cão não late hoje desde manhãzinha! – nasceram gatinhos! Luis Koshitiro Tokutake	Rodopia o tempo, entre o frio e o calor. Primavera chuvosa. Rodolpho Spitzer Junior
A abelha se esconde numa flor de goiabeira e faz o seu mel... Heloisa S. Brandão	No brejo vizinho incansáveis batráquios são rãs de Bashô. Luiza Nana	Na chuva vernal cubro óculos com a mão. Capa cobre o resto. Sergio de Jesus Luizato
Pinheiros perfilados. Mais parecem um batalhão em posição de sentido. Helvecio Durso	Bem-vevi trinando em sonora acusação. Braçada de rosas... Maria de Jesus B. Mello	Antiga araucária na fazenda abandonada velando as ruínas. Yedda R. Maia Patricio



Kigos à escolha para até três haicais a serem enviados

até o dia **30.10.99:**
Azulão, Dia da Secretária, Sálvia.

Até o dia 30.11.99:
Amora, Dia da Vacina, Tico-tico.

Fazer um haikai sazonal é como tirar uma foto ou filmar. Vemos o kigo (focalizamos), sentimos o satori ou “consciência de si”, com a mente vazia, isto é, sem preconceitos (fotografamos ou filmamos) e escrevemos esse registro limpo de uma sensação ou percepção (revelamos), compondo assim um haikai com kidai, ou seja, haikai com tema da estação, por conter, como assunto principal o kigo, palavra de sação. O haikai de sação deve ser narrado no instante da ocorrência e à vista do kigo, com 5-7-5 sílabas poéticas (sons) com um corte (ou brecha) após o 1º ou 2º verso, mas de forma tal que o leitor não se “perca” no relacionamento de ambas as partes, nem estas estejam por demais relacionadas. O haikai conterá ainda suas sugestões que o leitor perceberá por si mesmo, sem a aparente explicação do autor.

1. Preencher até três haicais, conforme os kigos à escolha em cada prazo (cada conjunto em uma única ½ folha de papel carta ou ofício), escrever o nome e o endereço e assinar. Despachá-la normalmente pelo correio, com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos corretos dos respectivos kigos.

Enviar para: **Manoel Fernandes Menendez**
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132
01150-011 - São Paulo, SP

2. Posteriormente o haicaista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicais desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.
3. O haicaista se compromete a enviar numa folha, 7 dias após remessa de rol para escolha, o resultado dessa sua seleção. A folha conterá, respectivamente, o nome do haicaista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaxio do outro, o número e o texto de cada haikai assim escolhido, sob pena de não o fazendo, perder os votos que venha a receber os haicais de sua autoria. Escusado dizer-se que na seleção não se escolherá haicais de própria lava.
4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do fim do mês seguinte.

IPÊS EM FOLHA

Pulando nas pedras, feliz, menino atravessa o rio minguante. Olga dos Santos Bussade	Dia do Bancário! Antigo caixa cochila no banco da praça!... Ercy M. M. de Faria	Sob a terra suja cresce um tesouro escondido... Plantação de aipim! Cicero Campos
Entre seixos nus, rasteja, em busca do mar, um rio minguante!... Maria Madalena Ferreira	Tristeza no campo: A lua branca é crescente, e o rio é minguante... Hermoclydes S. Franco	Sob um céu sem nuvens rastejando em agonia um rio minguante... Darly O. Barros
Poucas águas deslizam do rio minguante. Franciela Silva	A lua branca é crescente, e o rio é minguante... Hermoclydes S. Franco	Com a enxada às costas, o pai buscava um tesouro: – aipim para o almoço! Ercy M. M. de Faria
Com tanto dinheiro, bancário vive sem grana, mas tem o seu dia!... Cecy Tupinambá Ullhôa	Grandes homenagens a quem vive só de contas. Dia do Bancário! Alda Corrêa M. Moreira	No rio minguante, a face do sertanejo navalha de dor! Elen de Novaes Felix
Leito quase seco. Pescador sofre, sem peixes. É rio minguante! Alda Corrêa M. Moreira	No atrito do ancinho pula uma raiz da terra: um robusto aipim! Edel Costa	Que doce mistério! Penetra na terra escura... Nasce o aipim branquinho... Amália M. G. Bornheim
Num último fôlego as Nos traços da terra do rio minguante... Darly O. Barros	Camponesa humilde os sem-terra desenterram os aipins do dia... Mariem Tokumaru	Desenho de lama, tra de arte nas paredes do rio minguante. Marcelino R. de Pontes
No dia de folga, meu coração de bancário sonha ser banqueteiro... Hermoclydes S. Franco	Dentro da reserva uma plantação de aipim... apresenta tupi. Santos Teodósio	Dia do Bancário... A conta do “faz de conta” completa o salário! João Elias Santos
Da horta ao fogão e a frigideira estalando. Aipim no jantar. Darly O. Barros	Num murmúrio, as bolhas batem nas pedras do leito do rio quase seco... M. U. Moncam	Casa abandonada... O capim bravo invadiu plantação de aipim. Douglas Eden Brotto
Folha flutuante, segue bem devagarinho dentro do minguante. Regina Célia de Andrade	A lua pouco brilha no leito já quase seco do rio minguante... Cicero Campos	Heraças dos índios, em mesa ditosa e farta; aipim saboroso. Elen de Novaes Felix
Com água na boca, menino vê na vitrina bolinhos de aipim. Olga dos Santos Bussade	o rio minguante espera as chovas chegarem. Alba Christina	um fio d’água no fundo... – Nem banho nem peixe! Humberto Del Maestro

S E M P E R D ã O

Djanira Pio, em Linguagem Viva 07.99

A chuva começou calma, inocente como o começo de tantas outras coisas. À noite desabou a tempestade. Eu estava em local inadequado, em condições inadequadas.

Fui ficando, em um abrigo escasso e a hora foi passando. O momento foi passando. Perdi oportunidades de no mínimo, cair fora, literalmente.

Todos se foram. Conseguiram de alguma forma. Os últimos ônibus, banhos em aguaceiro, passaram apressados e não me viram. Ou fingiram.

Fui ficando. Paralisada, inadequada, incapaz de sair dali. A hora sensata, o momento certo, a normalidade se esvaindo. O tempo, a noite, a vida foram escorrendo por mim, fluindo

para todos. Fluindo? Mais que provação, constatação. Fui ficando. Sentindo minha impotência. Vi sorrisos, risadas, escárnios, até mesmo lágrimas sem poder entender. Fiquei sem linguagem, sem ação ou reação. Fui ficando. Simplesmente. Não via a chuva passar. Sem perdão! Fiquei.

B E M B A T I Z A D O

Maria Edith Prata Real, em A Lua e a Pena – V Antologia da Associação de Poetas e Escritores da Baixada Santista, 1996

No caminho para o supermercado as duas se encontraram. Quase não se viam, apesar da velha amizade. Velhas também ambas estavam. Já era notada a dificuldade em controlar o carrinho das compras cujas rodinhas teimavam sempre em ir na direção contrária ao impulso que elas davam. Luta estafante, estando ele cheio ou vazio. O encontro foi realmente providencial, divino! Paradas, carrinhos estacionados, descansavam e podiam conversar enquanto as batidas do coração voltavam ao ritmo normal. Contando as novidades, falou dona Gessy, sobre o batizado do filho da Abigail, faxineira dela há mais de cinco anos. Um garoto engraçadinho, da cor do café, sem padrinhos, sem batismo,

sem religião. Contou dona Gessy, que ela e seu marido, sensibilizados com a situação anti-cristã e também econômica, da Abigail, propiciaram-lhe, um batismo como poucos. Ofereceram a roupa, incluindo o par de sapatos “de homem”, até a festa com bolos e convidados. Contou também que o padre acabou concordando em administrar o sacramento, depois de ter tido uma conversa muito séria com a mãe. Na pia batismal, deram ao pequeno o nome cristão de José, pois o nome oficial do guri é Washington Vargas da Silva Filho. O nome tem história, conforme diz Abigail. Washington é porque ela trabalha na Avenida Washington Luiz. Vargas da Silva Filho, é por vingança. Era o nome do primeiro marido, lá

no Norte. Ele saiu com a vizinha e ela furou a barriga do infiel com a agulha de croché; ele correu para o posto de saúde, e ela correu de casa. Nunca mais o viu. Por vingança deu o nome dele ao menino que lhe nasceu, filho de outro homem, que também a abandonou, deixando-a à mercê da caridade alheia. Ao modo dela, vingou-se. Agora, continuava dona Gessy, Washington que também é José, nos visita todas as segundas-feiras e nós nos sentimos felizes, apesar de termos assumido como que a obrigação de darmos a ele, toda vez, um dinheiro ou uma roupinha. Não sabemos, meu marido e eu, até que ponto esta situação é correta! A outra amiga, dona Heloisa, escutava atentamente cada palavra de

dona Gessy, deixando transparecer, aos poucos, na fisionomia, marcas de surpresa, de espanto, de indignação, à medida que a narração ia ganhando terreno. Não era para menos! A mesma história havia acontecido, isto é, estava acontecendo com ela. Abigail também era sua faxineira, havia lhe apresentado o moleque. Pediu batismo. Comoveu. Sensibilizou. Ganhou roupa, sacramento, e festa. E... nas terças-feiras era dona Heloisa quem ganhava a visita do afilhado. Começaram a rir... depois tiveram vontade de chorar. Tudo às claras, quanto desgano! A compreensão do engodo no qual ambas estavam envolvidas, era apenas, a ponta do iceberg, imaginaram elas.

– Vai ver que Abigail faz ou fez o mesmo com outras patroas, não acha, dona Heloisa? perguntou temerosamente dona Gessy. – Sim, concluiu firmemente, a outra. Combinaram agir. Com aquele fio de cabelo encontrado por acaso, elas chegariam à peruca. ...E chegaram! Na extensa avenida onde elas moravam encontraram dois casais de padrinhos. O primeiro casal morava no princípio da avenida, e era visitado nas quartas-feiras. O outro casal morava no final da avenida, era visitado às quintas-feiras. Não descobriram o casal das sextas-feiras. Provavelmente era o dia do descanso. Todos os casais tinham como afilhado o filho da Abigail, conhecido na periferia onde moravam, pelo apelido de “Pagão”.

CLASSIFICANDO OS TERCETOS INDEPENDENTES

Manoel Fernandes Menendez

Podemos chamar de **trevo** todos os *tercetos independentes*: ⇔ ⇔ ⇔ ⇔ ⇔ ⇔ ⇔
O trevo guilhermano rima versos de 5 sílabas e, o do meio, de 7 sílabas, a 2ª com a 7ª.

O trevo **senryu** é conceitual, filosófico... – é um trevo à moda ocidental.

O trevo **haikai**, é sempre “aqui e agora” – não conceitual.

O trevo haikai é, provavelmente, a mais antiga poesia moderna do mundo! Assim, temos:

trevo **haikai** personagem ou **trevo haikai senryu** (não filosófico), trevo **haikai** subentendido e, finalmente,

trevo **haikai sazonal**, **poesia pura** – contém palavra da sação (kigo).

Simbolizamos o trevo haikai de sação pelo ipê, tal como a trova é simbolizada pela rosa!

Trevo senryu: Amarelo ou roxo, símbolo nacional. Ipê majestoso. Cecy Tupinambá Ullhôa – Há um Dia do Mar, como se pudesse, noutros, ser ignorado! Fernando Vasconcelos	Trevo haikai senryu ou trevo haikai personagem: Alunos admiram o ipê em vivo pastel. Sala de desenho. Manoel F. Menendez Canoa. Jangada. Família a espera do peixe. Mar é todo dia. Olga Amorim	Trevo haikai subentendido: Aborda a natureza (flora e geografia, no caso) sem definir-lhe a estação. Árvore desnuda, veste-se de amarelo. Festa para os olhos. Maria Reginato Labruciano A praia animada... Sol e mar convidam... São anfritrões. João Batista Serra	Trevo haikai sazonal: Aqui, kigos referentes à flora e vivencial de primavera: Repouso em jornada... – À sombra do ipê, alfombra, maciez dourada. Fernando L. de A. Soares Ondas batem leve na areia branca da praia. É Dia do Mar. Lávia Lacerda Menendez
---	---	--	--

